

## CORREIO WEBINAR

## O acolhimento como objetivo

Especialistas debatem os desafios de fazer com que os avanços tecnológicos na saúde trabalhem sempre em favor do paciente

» ISADORA ALBERNAZ\*  
» ISABEL DOURADO\*  
» JOÃO GABRIEL FREITAS\*

Os avanços tecnológicos na saúde têm levado o setor de assistência médica a buscar mais e melhores serviços e resultados para profissionais do setor e usuários. Mas essa preocupação não se resume à adoção das técnicas mais recentes, nem sua disponibilização. É preciso combinar tudo isso com uma rede de atendimento multidisciplinar e integrada, cujo foco esteja na humanização do processo para aumentar o bem-estar do paciente.

Esse foi o tema central do webinar *Coordenação de Cuidado e Navegabilidade: a Saúde com Base em uma Assistência Integrada e Personalizada*, promovido pelo **Correio Braziliense**, sob patrocínio da Rede Dasa — a maior rede de saúde integrada do Brasil. Participaram do debate Julio Mott, diretor-geral no Hospital Brasília Unidade Águas Claras; Gleidson Viana, diretor médico de Diagnóstico por Imagem do Laboratório Exame; e Matheus Belez, diretor médico da Maternidade Brasília. A moderação ficou a cargo de Mariana Niederauer, editora do site do **Correio**.

Gleidson fez questão de salientar que a tecnologia tornou-se uma ferramenta essencial para a conquista da saúde plena. “Traz e empoderamento do paciente, o poder de escolha e mais substrato nas escolhas dele junto com o médico. Temos uma tecnologia muito robusta. Se a gente não tiver, não conseguimos prestar a assistência necessária. Visamos sempre ter os equipamentos para que o médico possa dar o diagnóstico mais rápido e acertado”, apontou.

## Integração

A existência de uma rede de saúde integrada e multidisciplinar é o que torna possível a eficácia na prevenção de doenças, no diagnóstico e no tratamento precoce. Com base na convivência

Minervino Júnior/CB



Belez, Gleidson, Mariana e Mott durante o debate: não se consegue um bom atendimento sem que exista uma rede de atenção aos usuários



**(A tecnologia) traz o empoderamento do paciente, o poder de escolha e mais substrato nas escolhas dele junto com o médico. Temos uma tecnologia muito robusta”**

**Gleidson Viana**, diretor médico de Diagnóstico por Imagem do Laboratório Exame



**Quando o usuário, por algum motivo, faz um exame e a gente identifica, para além desse motivo, uma outra lesão, já estamos atuando preventivamente na doença”**

**Julio Mott**, diretor-geral no Hospital Brasília Unidade Águas Claras



**Dentro de uma maternidade tem uma equipe olhando para essa paciente. A ideia é transformar o ambiente em algo muito mais próximo dela”**

**Matheus Belez**, diretor médico da Maternidade Brasília

em uma unidade que atende o público feminino, Belez ressaltou o atendimento às mulheres como um exemplo a ser enfatizado.

“A mulher começa seus exames preventivos, como o papanicolau, e daqui a pouco passa

pelo momento de entrar no projeto de constituir uma família. Depois disso, nossa ideia é que ela continue com a gente, que entre na menopausa e esteja fazendo as consultas e qualquer tratamento que necessitar dentro

da nossa unidade”, sugeriu.

Já Mott ressaltou os benefícios da modernidade em relação à rapidez dos diagnósticos e na prevenção de doenças: “Quando o usuário, por algum motivo, faz um exame e a gente identifica,

para além desse motivo, uma outra lesão, já estamos atuando preventivamente na doença”, observou.

Ele aponta, ainda, a integração de sistemas como fundamental para o bem-estar do

paciente. Segundo Mott, essa funcionalidade democratiza a saúde e garante a tranquilidade nas unidades de atendimento.

“O sistema de saúde fica mais eficiente como um todo. Essa possibilidade de integração dos sistemas é, com certeza, o que de mais humano existe. A partir do momento em que temos essa informação em tempo real, rapidamente a gente consegue, de forma cuidadosa, atenciosa e afetiva, atuar na saúde do usuário”, ressaltou.

## Humanização

Mas a tecnologia tem de vir acompanhada da humanização para que o binômio “bem-estar/paciente” esteja completo. Somente dessa forma se alcança os melhores resultados nos tratamentos. “A própria ideia de ter um olhar integral com o paciente já é uma forma humanizada de atendimento. Por exemplo: falando da saúde da mulher, na Rede Dasa temos uma linha de cuidados em que pacientes que fazem exames preventivos, inclusive de câncer de mama — recebem todos os atendimentos necessários. Não se pode deixar uma paciente à espera de um resultado. Essa eficiência na entrega na resposta diminui a ansiedade”, explicou Gleidson.

Falando sobre sua experiência no atendimento à mulher, Belez apontou para a necessidade de garantir a autonomia da paciente durante, por exemplo, uma gestação. “Tenta-se tirar um pouco dessa hierarquia clássica de um hospital porque, dentro de uma maternidade, tem uma equipe olhando para essa paciente. A ideia é transformar o ambiente em algo muito mais próximo dela, que está vivendo em dos momentos mais marcantes da vida. Essa humanização é uma prioridade para a rede como todo. Mas, dentro da maternidade, se vê isso de uma forma muito clara”, salientou.

\*Estagiários sob a supervisão de Fabio Grecchi

## CASO BRUNO E DOM

## Viúva de indigenista exige retratações

» TAINÁ ANDRADE

A viúva de Bruno Araújo, Beatriz Matos, cobrou, ontem, retratação do presidente Jair Bolsonaro (PL), do vice Hamilton Mourão (Republicanos) e do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Marcelo Xavier, pelas acusações que fizeram ao indigenista e a Dom Phillips, assassinados no Vale do Javari (AM), no mês passado. A indignação dela é com as suspeitas que os três lançaram contra Bruno e o jornalista inglês, assim que ficou constatado o desaparecimento e o possível duplo homicídio.

A cobrança de Beatriz foi durante o depoimento que prestou à Comissão Temporária Externa (CTE Norte), no Senado. Ela lembrou que nem Bolsonaro, Mourão ou Xavier se solidarizaram com as famílias de Bruno e Dom, ou mandaram condolências pela descoberta que tinham sido assassinados. Uma postura diferente da assumida pelo governo britânico.

“Gostaria de uma retratação. Gostaria que o presidente do Brasil, o vice e o presidente da Funai se retratassem em relação as declarações indignas e absurdas que eles fizeram ao trabalho do Bruno, do Dom, da Univaja (a

União dos Povos Isolados do Vale do Javari, com a qual o indigenista colaborava). Até processo administrativo o presidente da Funai falou em abrir, em relação à ilegalidade da presença deles ali. O presidente da República falou coisas que me recuso a repetir aqui”, indignou-se.

Para Beatriz, a comissão do Senado deve ampliar as investigações para concluir a razão da demora do governo federal em acionar o dispositivo oficial para começar as buscas a Bruno e Dom. O desaparecimento dos dois foi comunicado pelos membros da Univaja às autoridades

em 5 de junho, mas o início do trabalho de resgate só começou 24 horas depois — e sem o efetivo e o equipamento necessário para a ação naquela região. Beatriz lembrou que o reforço de efetivo e de equipamentos para operação se deu apenas por causa da pressão da sociedade.

Ela fez críticas, ainda, à postura que classificou como “negligente” do presidente da Funai, uma vez que um servidor da autarquia que comanda estava desaparecido. “Bruno era dedicadíssimo, hiper comprometido com o trabalho. O presidente da Funai o acusa de estar fazendo

Geraldo Magela/Agência Senado



Beatriz pediu investigação sobre a demora nas buscas por Bruno e Dom

alguma coisa em vez de tomar para si a investigação, a proteção, o cuidado com a família, com

os filhos. É indignante a falta de apoio que a gente teve da esfera federal desse país”, criticou.

## PACTO DO ATLÂNTICO

## Uma tentativa de reunir as nações para salvar o oceano

» ISABEL DOURADO\*

O Brasil, a União Europeia e outros seis países que compartilham as águas do Oceano Atlântico assinaram, na última quarta-feira, em Washington (EUA), a *Declaração de Todo o Atlântico*, que pretende estimular a integração de atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação desenvolvidas entre as nações signatárias — que inclui, ainda, África do Sul, Argentina, Cabo Verde, Canadá, Estados Unidos e Marrocos. A ideia do acordo é impedir o avanço da depredação, por meio do uso exaustivo dos recursos naturais, e da poluição — sobretudo a provocada pelo plástico.

De acordo com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, a intenção é estabelecer uma “aliança de longa duração para o compartilhamento de conhecimentos, infraestruturas e capacidades”. A costa brasileira tem 9 mil km de extensão, banha 463 cidades em 17 estados e abriga ¼ da população.

“O ser humano depende do oceano para a sobrevivência, contribui com a purificação do ar. A gente brinca que a cada duas respiradas que damos, duas vêm do oceano”, afirma Leandra Gonçalves, professora adjunta no Instituto do Mar da Universidade Federal do Estado de São Paulo (Unifesp).

Estudos apontam que apenas 2% da diversidade do Atlântico está sob proteção. Entre as depredações mais frequentemente denunciadas pelos especialistas estão pesca excessiva, poluição desenfreada, exploração mineral, falta de políticas públicas para o bioma, além da pesada especulação imobiliária, que provoca a ocupação desordenada das cidades costeiras.

Segundo especialistas da área, é fundamental que o país invista em políticas públicas para proteger o Atlântico. “O Brasil tem políticas públicas muito boas, mas ainda falta um ambiente integrado. Existe um projeto de lei tramitando desde

2013, o PL 6.969, que se for aprovado vai conferir ao Brasil um novo patamar de governança”, lembrou Leandra. O PL é conhecido como Lei do Mar.

“Em 2008, o Brasil parou de fazer o monitoramento da pesca e a gente não sabe, hoje em dia, o que está saindo dos nossos mares. Em 2013, começou a discussão do PL, que traria esse olhar do movimento sustentável, tecnologias e políticas públicas setoriais. Isso promoveria uma segurança jurídica”, explicou Anna Lobo, da WWF-Brasil.

## Grande vilão

Em 2020, a organização não governamental Instituto

Oceana apresentou o estudo *Um Oceano Livre de Plástico: Desafios para Reduzir a Poluição Marinha no Brasil*. Segundo o levantamento, são produzidos 2,95 milhões de toneladas de plástico de uso único no país. São produtos que não são concebidos, projetados ou colocados no mercado para múltiplas viagens ou reaproveitamento. Isso faz desse material uma das maiores ameaças ambientais.

Para piorar, o Brasil despeja 325 mil toneladas de plástico no mar. Pelo menos 70% dos resíduos encontrados nas praias do país são polímero, principalmente embalagens — sobretudo bolsas de

supermercado e garrafas pet.

“A questão do plástico é tão premente que as Nações Unidas e outras organizações multilaterais trouxeram projeções para mostrar que os oceanos abrigarão mais detritos plásticos do que peixes em 2050. Além disso, o microplástico já está sendo detectado no sangue e nos pulmões humanos. Temos plástico na carne e quem consome frutos do mar também está consumindo plástico”, alerta a coordenadora do Programa Marinho e Mata Atlântica, Anna Carolina Lobo.

\*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi